



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PSICOMOTORA**

Jane de Freitas Neto

Karla da Silva Mero

Rosiani Branquinho dos Santos

SER CORPO, SER NATUREZA:

confluência entre Educação Infantil, Psicomotricidade e Biodanza
para a (re)conexão humana com o mundo natural

Rio de Janeiro
2025

Jane de Freitas Neto
Karla da Silva Mero
Rosiani Branquinho dos Santos

SER CORPO, SER NATUREZA:
confluência entre Educação Infantil, Psicomotricidade e Biodanza para a (re)conexão humana
com o mundo natural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Especialização em Educação
Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do
Colégio Pedro II, como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Psicomotricidade Educacional.

Orientadora: Professora Dra. Katia de Souza e
Almeida Bizzo Schaefer

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F866 Freitas Neto, Jane de

Ser corpo, ser natureza : confluência entre educação infantil, psicomotricidade e biodanza para a (re)conexão humana com o mundo natural / Jane de Freitas Neto, Karla da Silva Mero, Rosiani Branquinho dos Santos. - Rio de Janeiro, 2025.

24 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

1. Educação psicomotora - Estudo e ensino. 2. Corpo e mente - Crianças. 3. Natureza. 4. Biodança. I. Mero, Karla da Silva. II. Santos, Rosiani Branquinho dos. III. Schaefer, Katia de Souza e Almeida Bizzo. IV. Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Jane de Freitas Neto
Karla da Silva Mero
Rosiani Branquinho dos Santos

SER CORPO, SER NATUREZA:
confluência entre Educação Infantil, Psicomotricidade e Biodanza para a (re)conexão humana
com o mundo natural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Especialização em Educação
Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do
Colégio Pedro II, como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Psicomotricidade Educacional.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer (Orientadora)
Colégio Pedro II

Prof.^a Ma. Célia Regina Nonato da Silva Loureiro
Colégio Pedro II

Prof.^a Ma. Ana Lúcia Rodrigues
Instituição UNIRIO

Rio de Janeiro
2025

SER CORPO, SER NATUREZA:

confluência entre Educação Infantil, Psicomotricidade e Biodanza para a (re)conexão humana com o mundo natural

Jane de Freitas Neto

Karla da Silva Mero

Rosiani Branquinho dos Santos

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão sobre a (re)conexão entre o ser humano e a natureza, destacando o papel do corpo como mediador dessa relação, tendo como objetivo geral propor um projeto ético-político de educação ancorado no cuidado, no amor e na expansão da vida. Para tanto, estabelece-se como objetivos específicos compreender o corpo da criança não como um objeto a ser moldado, mas como um corpo vivido; também, discutir a articulação entre Psicomotricidade e Biodanza, ressaltando suas contribuições para processos educativos e terapêuticos. A partir da perspectiva Schaefer Bizzo (2015), que entende o corpo como vontade de potência no cotidiano escolar; de Tiriba (2021), cuja defesa da Educação Infantil como direito e alegria propõe uma pedagogia ecológica, popular e libertária, Toro (2002a, 2002b, 2005), criador da Biodanza; e dos fundamentos da Psicomotricidade defendidos por Fonseca (1995), Schaefer (2021) e Lapierre e Aucouturier (1984a, 1984b), tem-se uma reflexão sobre a importância das práticas corporais no campo da educação e da saúde, abordagens inclusivas e humanizadoras. Conclui-se que ambas as práticas, quando integradas, favorecem a construção da subjetividade, o fortalecimento de vínculos afetivos e a promoção da autonomia dos sujeitos, principalmente as crianças na Educação Infantil.

Palavras-chave: corpo; natureza; Biodanza; Psicomotricidade; Educação.

THE HUMAN AS BODY, THE HUMAN AS NATURE:

confluence between Early Childhood Education, Psychomotricity, and Biodanza for the Human (Re)connection with the Natural World

Abstract: This article presents a reflection on the (re)connection between human beings and nature, highlighting the role of the body as a mediator of this relationship. Its general objective is to propose an ethical-political education project grounded in care, love, and the expansion of life. To this end, the specific objectives are to understand the child's body not as an object to be shaped, but as a lived body; and to discuss the articulation between Psychomotricity and Biodanza, emphasizing their contributions to educational and therapeutic processes. Drawing on the perspective of Schaefer Bizzo (2015), who conceives the body as a will to power in everyday school life; Tiriba (2021), who advocates for Early Childhood Education as a right and a source of joy, proposing an ecological, popular, and libertarian pedagogy; Toro (2002a, 2002b, 2005), the creator of Biodanza; and the foundations of Psychomotricity as defended by Fonseca (1995), Schaefer (2021), and Lapierre & Aucouturier (1984a, 1984b), this article reflects on the importance of bodily practices in the fields of education and health, focusing on inclusive and humanizing approaches. It concludes that both practices, when integrated, foster the construction of subjectivity, the strengthening of affective bonds, and the promotion of autonomy in individuals—especially children in Early Childhood Education.

Keywords: body; nature; Biodanza; psychomotricity; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Práticas e formação em educação psicomotora.....	8
Figura 2 - Práticas e formação em educação psicomotora.....	8
Figura 3 - Práticas e formação em educação psicomotora.....	8
Figura 4 - Espaço de Práticas Psicomotoras do Colégio Pedro II.....	9
Figura 5 - Espaço de Práticas Psicomotoras do Colégio Pedro II.....	9
Figura 6 - Espaço de Práticas Psicomotoras do Colégio Pedro II.....	9
Figura 7 - Sala de prática psicomotora.....	15
Figura 8 - Sala de prática psicomotora.....	15
Figura 9 - Experimentações sensoriais com elementos naturais.....	16
Figura 10 - Experimentações sensoriais com elementos naturais.....	16
Figura 11 - Experimentações sensoriais com elementos naturais.....	16
Figura 12 - Experimentações sensoriais com elementos naturais.....	16
Figura 13 - Experimentações sensoriais com elementos naturais.....	16
Figura 14 - Biodanza.....	18
Figura 15 - Biodanza.....	18
Figura 16 - Grupo regular de Biodanza no espaço Terapretas.....	18
Figura 17 - Aula aberta de Biodanza para alunos de Arteterapia no Espaço Caminho do Self.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
3 A PSICOMOTRICIDADE E O CORPO COMO PONTE ENTRE SUJEITO E NATUREZA.....	14
4 FUNDAMENTOS DA BIODANZA.....	17
5 METODOLOGIA.....	20
6 CONVERGÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE (RE)CONEXÃO.....	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Perceber o corpo como fio condutor, como vontade de potência, como criação de vida, na vida e com a vida.

Katia Schaefer

A epígrafe de Schaefer (2021, p. 208) orienta a uma inflexão no modo como os corpos de pessoas com necessidades específicas são concebidos no espaço escolar. Tal compreensão foi vivenciada na sala de prática psicomotora do Colégio Pedro II, junto aos estudantes acompanhados pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) da instituição, no contexto das atividades desenvolvidas a partir da formação em Educação Psicomotora. A Psicomotricidade, nesse cenário, permite a escuta do gesto como linguagem e a valorização da expressividade singular de cada corpo em movimento. Crianças que, em contextos tradicionais, são muitas vezes silenciadas ou medicalizadas, encontraram nesse espaço uma possibilidade de inscrição sensível, em que o brincar, o (des)equilíbrio, a hesitação e o riso tornaram-se formas legítimas de presença e de criação partilhada. As autoras do presente artigo se unem para relatar essas vivências, que transformaram suas práticas em salas, nas unidades em que atuam profissionalmente, e nas suas trajetórias formativas com a Psicomotricidade.

A articulação entre prática e formação em educação psicomotora (figuras 1 a 3) revela-se fundamental para sustentar epistemologicamente uma abordagem que reconhece o corpo como produtor de conhecimento e sentido. A partir das contribuições de autores como Lapierre e Aucouturier (1984a, 1984b) e Spinoza (1983), compreende-se que o corpo da criança e do adulto não é apenas o veículo de aprendizagem, mas seu próprio território afetivo, simbólico e relacional. Assim, ao se conceber “o corpo como vontade de potência”, como propõe Schaefer (2021), evidencia-se uma perspectiva ética e política da inclusão, que desloca o foco da adaptação funcional para a criação de contextos que acolham a diversidade como potência. Nessa direção, a Psicomotricidade não se limita à intervenção terapêutica, mas se institui como campo educativo emancipador, capaz de romper com lógicas normativas e afirmar uma pedagogia do encontro e da diferença.

Figuras 1, 2 e 3 – Práticas e formação em educação psicomotora¹

Fonte: as autoras (2024).

A partir dos aportes teóricos da Psicomotricidade, principalmente nas obras de Lapierre e Aucouturier (1984a, 1984b) e Le Boulch (2001), propõe-se um estudo de natureza qualitativa, que busca analisar de que modo a vivência corporal pode favorecer a reconexão afetiva com o mundo natural, tendo como objetivos específicos compreender o corpo da criança não como um objeto a ser moldado, mas como um corpo vivido; também, discutir a articulação entre essas duas práticas, ressaltando suas contribuições para processos educativos e terapêuticos. Nesse sentido, o estudo propõe-se a interpretar o corpo infantil como fio condutor de instrumento de aprendizagem e, a partir de suas expressões no brincar livre e nas interações com o ambiente natural, evidenciar as potências subjetivas, relacionais e cognitivas emergentes dessas experiências.

Ao considerar o corpo um veículo de escuta, expressão e vínculo, a Psicomotricidade mostra-se uma via potente para a promoção de experiências sensíveis, especialmente no contexto educativo e terapêutico, favorecendo uma ética ecológica e relacional necessária à superação dos desafios sociais. Gonçalves (2001), Grün (2008) e Merleau-Ponty (1999) apresentam estudos que oferecem uma importante contribuição ao romperem com dicotomias entre natureza/cultura ou corpo/mente, propondo uma abordagem relacional, complexa e

¹ Fotos formatadas com efeito na imagem para preservar a identidade das pessoas.

integrada. No entanto, cabe aprofundar a discussão sobre as tensões reais que cercam a efetivação desses ideais nas práticas e não só no cotidiano escolar, mas na dinâmica da vida, em diferentes espaços de relação.

Uma escola institucionalmente hierarquizada promove espaço de liberdade e alegria? O artigo tem o mérito de provocar o pensamento. Quando ampliamos nosso olhar para o que está fora das paredes de cimento, encontramos lacunas que possibilitam o deslocamento do olhar. Ao acessar à natureza, oportunidades se criam para que os corpos respirem, toquem, sintam e, sobretudo, pertençam. Essas experiências permitem o encontro de diferentes modos de brincar nas infâncias. Nessas vivências, o chão deixa de ser apenas base para os pés e se transforma em território de encontro, da criança para um ser natureza, ser afeto e ser potência.

Com base em Deleuze e Guattari (1995), Krishnamurti (2021), Louv (2005), Schaefer (2021), Tiriba (2021) e Spinoza (1983), este artigo tem como objetivo geral propor um projeto ético-político de educação ancorado no cuidado, no amor e na expansão da vida. Em tempos de crescente artificialização e confinamento, essa proposta é, ao mesmo tempo, poética e urgente.

Diferentes abordagens que valorizam a dimensão integral do sujeito na compreensão do corpo como centro da experiência existencial têm ganhado destaque. Entre essas, a Biodanza e a Psicomotricidade (figuras 4 a 6) se destacam por reconhecerem o movimento corporal como via privilegiada de expressão emocional, desenvolvimento cognitivo, de construção da identidade e vínculo. Neste artigo, propomos, como objetivo específico, discutir a articulação entre essas duas práticas, ressaltando suas contribuições para processos educativos e terapêuticos, sempre em diálogo com propostas que valorizem as experiências com ambientes, seres, fenômenos e elementos naturais.

Figuras 4, 5 e 6 - Espaço de Práticas Psicomotoras do Colégio Pedro II



Fonte: as autoras (2024).

A era do Antropoceno, marcada pela interferência humana em escala planetária, tem imposto rupturas profundas nas relações entre seres humanos e o mundo natural. Essa desconexão manifesta-se não apenas no esgotamento dos recursos naturais, mas também em uma crise de corporeidade e afeto: o corpo humano, progressivamente dissociado de seus contextos ecológicos, sofre com a artificialização da vida cotidiana e a virtualização das experiências. Latour (2020) propõe uma reflexão urgente sobre o Antropoceno como um novo regime geopolítico e existencial que desestabiliza as distinções tradicionais entre natureza e sociedade. Para o autor, o Antropoceno revela que a Terra deixou de ser um cenário passivo das ações humanas para se tornar um ator político em si, reagindo aos excessos do modelo moderno de progresso e globalização. Em vez de tentar retornar a uma normalidade impossível, ele convida a **aterrar**, ou seja, a reencontrar um solo comum, habitável e compartilhado, que leve em conta a interdependência entre os humanos e o sistema terrestre. Propõe, assim, um redirecionamento ético e político, no qual o reconhecimento da crise ecológica é ponto de partida para novas formas de pertencimento e ação coletiva. Torna-se urgente buscar caminhos de reconexão e, nesse ponto, a Psicomotricidade oferece contribuições relevantes. Fundamentada na ideia de que o corpo é o lugar onde se inscrevem as experiências afetivas, relacionais e simbólicas, essa ciência valoriza a dimensão expressiva e comunicativa do gesto, do brincar e do movimento espontâneo como modos de encontro consigo, com o outro e com o meio. Por esse viés, busca a (re)conexão com a essência natural de cada ser, buscando aterrar os sujeitos e quebrar a lógica antropocêntrica.

A relação entre ser humano e natureza tem sido progressivamente enfraquecida nas sociedades contemporâneas, especialmente nos contextos urbanos marcados pelo confinamento, pela artificialidade dos ambientes e pela mediação constante das tecnologias. Tal desconexão afeta, de forma significativa, a infância, fase da vida em que o contato direto com o mundo natural é fundamental para o desenvolvimento integral. O afastamento das crianças da natureza compromete não apenas sua saúde física e emocional, mas também a potência de suas experiências corporais, afetivas e sensoriais, constituindo o que Louv (2005) denomina **transtorno de déficit de natureza**.

Nesse cenário, o capítulo “Dizer sim às vontades do corpo”, de Tiriba (2021, p. 225), propõe recolocar a natureza no centro das discussões sobre direitos humanos, defendendo seu reconhecimento como direito essencial, inseparável do direito à infância plena. A autora denuncia os impactos do isolamento ambiental promovido por práticas escolares que mantêm as crianças restritas a espaços fechados, limitando o corpo, o movimento e as possibilidades de vivência sensível com o mundo. Tiriba (2021) nos convida a escutar – com o corpo inteiro – as

urgências da infância. Mais do que um chamado pedagógico, seu texto é uma convocação ética e sensível para que a Educação Infantil abrace as pulsões vitais da criança, sua potência de existir e de sentir, sem enquadramentos rígidos, sem domesticações. Nesse sentido, dizer **sim** ao corpo é também dizer **sim** à vida em sua expressão mais criadora. É reconhecer que o movimento, o toque, o brincar livre, os afetos e os desejos não são distrações do aprender, mas a própria tessitura do conhecimento humano.

A autora escreve com uma escrita que pulsa, que dança entre ideias e experiências. Essa abertura ao corpo exige escuta. Escuta não apenas auditiva, mas sensível, atenta ao olhar, à respiração, ao silêncio e à explosão. Implica acolher as expressões não verbais como linguagens legítimas, como modos de ser e estar no mundo. Tiriba (2021) nos lembra que a alegria não é um extra, mas um direito; que a infância pede mais do que conteúdos: ela pede espaço, tempo, relação. Pedagogias que digam **sim** às vontades do corpo são, na verdade, pedagogias do cuidado, da vida.

Nessa perspectiva, este artigo dialoga com os argumentos de Tiriba (2021), ampliando a reflexão por meio das contribuições do diálogo entre Educação, Psicomotricidade e filosofias do corpo. Parte-se da compreensão de que o corpo é lugar da experiência e mediação com o real — um corpo que sente, age, percebe e transforma, como apontam autores como Merleau-Ponty (1999), Gonçalves (2001) e Grün (2008). Negar o corpo na educação é, portanto, interditar a própria experiência educativa, reduzindo a aprendizagem à abstração e ao controle. Merleau-Ponty (1999, p. 207-208) destaca a centralidade do corpo na experiência humana ao afirmar: "Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou, antes, sou meu corpo".

Assim, a Psicomotricidade, ao articular movimento, emoção e pensamento, constitui um referencial teórico consistente para orientar práticas pedagógicas que reconheçam o corpo como protagonista e forma de expressão. Nessa perspectiva, é entendida como manifestação do ser em ação, sempre em relação com os outros e com o ambiente, além de ser vista como fruto da interação ativa e inteligente entre o indivíduo e seu entorno. Segundo Schaefer (2024, p. 328),

A Psicomotricidade é uma ciência que tem por objetivo o estudo e o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, entendendo-o como corpo que não se divide, mas que se forma na unidade de sua subjetividade e de suas relações, para além do seu corpo físico e em movimento e para além de suas capacidades motoras, sempre com o foco na saúde e na alegria. Investe em um corpo naturalmente em busca de autoconhecimento, potência e consciência sensível de sua relação e pertencimento cósmico que, por essa ciência, reintegra os caminhos de cuidado de si, percebendo-se como modo de expressão da natureza; valorizando o corpo que se expressa em suas marcas, couraças, caracteriologias, com identidade própria, jeito único de agir e ser no mundo, podendo aprender a se perceber a partir de gestos mínimos; e desenvolvendo sua sensopercepção nas microrrelações que esse corpo estabelece consigo próprio, com o outro e com o ambiente. Reconhece o corpo como vontade de

potência, fio condutor de fluxos de forças que levam o ser humano a pensar e agir no mundo, potencializando-o para que seus pensamentos e ações ocorram de forma criativa, brincante e alegre, na busca de ser o que se é e de viver a vida como uma obra de arte em construção contínua.

Assim, o vínculo com a natureza, ao intensificar os estímulos sensoriais e motores, potencializa o desenvolvimento infantil, favorecendo experiências integradoras que articulam sentir, perceber e pensar. É abrir os currículos, os espaços e os tempos escolares para a potência educativa da natureza — como espaço de vida, de descobertas e de relações. Gonçalves (2001) afirma que "[...] o corpo é o lugar onde a transcendência do sujeito articula-se com o mundo", enfatizando a importância do corpo na experiência educativa.

O brincar ao ar livre, o toque da terra, o cheiro das folhas, o som da água e a diversidade dos seres vivos não apenas enriquecem a aprendizagem, mas também favorecem a construção de vínculos afetivos e ecológicos. A natureza torna-se, assim, território educativo por excelência, lugar de expressão, de simbolização e de pertencimento. Defender a natureza como educadora é, portanto, defender a reconfiguração das práticas pedagógicas na Educação, incorporando a natureza como parte estruturante da proposta educativa, de forma que os educadores se abram à escuta dos corpos em movimento, atentos às aprendizagens que emergem das relações entre corpo, ambiente e cultura. Grün (2008) destaca que "negar o corpo é, também, negar a experiência", apontando para a necessidade de considerar o corpo nas práticas educativas. Educar com e na natureza é, em última instância, reconhecer que o conhecimento nasce da experiência vivida, que envolve o corpo inteiro: mãos, pés, olhos, pele, coração e pensamento. A Psicomotricidade, ao afirmar o corpo como lugar de integração entre afeto, cognição e ação, oferece fundamentos consistentes para uma pedagogia do corpo em diálogo com o mundo.

E para educar, também é necessário pensar no trabalho com corpos adultos. Nesse sentido, a Biodanza tem muito a contribuir, pois ela é baseada em vivências que nos situam no aqui e agora (Toro, 2002a, 2002b, 2005).

Com esse referencial reflexivo-teórico, a pesquisa seguiu por dois caminhos metodológicos. Um deles é o bibliográfico, com base nos referenciais estudados e já citados, que nos moveu às reflexões que justificaram o investimento nesta pesquisa durante o curso de Educação Psicomotora do Colégio Pedro II. O segundo caminho parte de uma pesquisa de rememoração das práticas, pela qual as vivências na Educação com crianças, na Psicomotricidade e na Biodanza das autoras, durante os estudos realizados no campo, contribuíram e enriqueceram as reflexões e resultados aqui apresentados.

Os contextos rememorados se referem a um ambiente escolar entre sala de aula e sala de recursos de uma escola pública de Educação Infantil no Rio de Janeiro; às vivências psicomotoras com crianças com necessidades específicas do Colégio Pedro II; e aos encontros de Biodanza com adultos.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1996, (Lei 9394) art. 29, “[...] a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996).

Baseando-se nessa Lei, entendemos que a educação infantil é voltada para crianças de zero a cinco anos de idade. É nessa fase que acontece o primeiro contato com a escola, uma etapa fundamental para o desenvolvimento global dos alunos, o agente motivador do desenvolvimento infantil. A Psicomotricidade envolve toda ação realizada pelo indivíduo, favorecendo os processos de ensino e de aprendizagem já que compreendem a educação como algo mais amplo do que a simples transmissão de conhecimentos, levando o indivíduo à tomada de consciência do seu corpo por meio dos movimentos. A base do trabalho com as crianças nessa etapa consiste na estimulação perceptiva e desenvolvimento do esquema corporal na relação com a imagem corporal, ou seja, com a imagem subjetiva que tem de si. A criança organiza, aos poucos, o seu mundo a partir do seu próprio corpo, vive experiências expressivas em que integra estes estímulos, produzindo marcas que a façam perceber a si e ao outro na relação e a favoreçam a tomar posse da sua cultura.

A Educação Infantil deve priorizar, portanto, todas as competências motoras da criança, auxiliando na expansão e equilíbrio de sua afetividade, permitindo que ela realize ajustamento dos gestos e movimentos, experimente, arrisque, erre, acerte, crie, interprete, por meio de atividades práticas, com o propósito de um desenvolvimento sadio, estimulando na criança uma percepção dos recursos corporais de que dispõe.

A Educação Infantil, segundo Tiriba (2021), é mais do que um espaço preparatório para a escolarização formal, é um direito da criança à vivência plena da infância, entendida como tempo de descoberta, de construção de saberes e de expressão de si no mundo. Para a autora, é necessário romper com práticas pedagógicas engessadas e abrir-se a pedagogias ecológicas,

populares e libertárias, que valorizem o corpo, a cultura, os territórios e a natureza como elementos vivos da experiência educativa. A escola, nesse sentido, deve reconhecer o corpo da criança como fonte de saber e permitir que ela se expresse por meio de gestos, movimentos, afetos e brincadeiras, em contato com o ambiente natural e com a diversidade cultural que a cerca.

Falar em educação integral sem considerar o movimento e o trabalho corporal é desprezar um importante instrumento de aprendizado que possuímos: o corpo. Afinal, o corpo carrega consigo marcas, significados e construções sociais, que integram a trajetória de vida dos alunos e refletem a cultura e a sociedade à qual pertencem. Schaefer (2021) reforça essa perspectiva ao defender o corpo como vontade de potência, ou seja, expressão viva de desejos, curiosidade e criação. Para ela, o corpo não é apenas suporte de aprendizagem, mas sujeito da experiência, que aprende e se transforma pelo movimento, pelo toque, pela curiosidade, pelo olhar e pelas interações que constrói no cotidiano escolar. Nesse contexto, o papel da Educação Infantil é acolher e nutrir essa potência, oferecendo ambientes sensíveis, relações significativas e propostas que reconheçam a criança como um ser potente, criativo e ativo em seu processo de aprendizagem.

Portanto, a Educação Infantil não deve se restringir à antecipação de conteúdos escolares e a um item de avaliação, mas ser entendida como um tempo-espço de cuidado, escuta, respeito e liberdade, em que o desenvolvimento da criança se dá de forma integrada, corporal, emocional, sensível e cognitiva em relação consigo mesma, com os outros e com o mundo. Não se pode dissociar o movimento do brincar e o do aprender, pois eles caminham juntos.

3 A PSICOMOTRICIDADE E O CORPO COMO PONTE ENTRE SUJEITO E NATUREZA

Através da Psicomotricidade, entende-se o corpo como o primeiro meio de comunicação do ser humano com o mundo. Para autores como Lapierre e Aucouturier (1984), é pelo movimento espontâneo, do jogo e do afeto que a subjetividade se constitui. Nessa perspectiva, o corpo não é objeto isolado, mas uma instância viva e sensível, imersa em uma teia ecológica de relações, na qual a experiência se dá de forma integrada entre sujeito e mundo.

Em diálogo com essas abordagens, a teoria da biofilia, formulada por Wilson (1984), propõe que existe uma necessidade inata nos seres humanos de se afiliar a outros seres vivos e aos sistemas naturais. Segundo o autor, essa tendência biológica de ligação com a vida sustenta uma profunda relação afetiva entre corpo e natureza. No campo psicomotor, essa reconexão

acontece por meio de experiências significativas, não direcionadas por finalidades externas, mas vividas na intimidade do gesto e da presença. Autores como Schaefer (2021), Deleuze e Guattari (1995) e Louv (2015) defendem, nesse contexto, uma **ecologia profunda**, na qual o corpo deixa de ser instrumento de domínio da natureza e passa a ser meio e fim da relação com a Terra. O corpo não se impõe à natureza, mas se integra a ela por ser parte de um fluxo vital comum.

Essa concepção encontra eco nas palavras de Krishnamurti (2021, p. 58), que afirma: “[...] não há separação entre o observador e a coisa observada”. Ao negar a dualidade entre sujeito (quem experiencia) e objeto (o que é experienciado), ele propõe uma vivência radicalmente integrada da realidade: “a árvore, o cão, a estrela vespertina [...] são o próprio movimento do viver” (Krishnamurti, 2021, p. 60). Assim, o mundo não é algo a ser observado ou controlado, mas vivido diretamente, sem mediação do pensamento ou do desejo. Essa ideia ressoa com os fundamentos da Psicomotricidade, especialmente na proposta de um *setting* educacional, na sala de prática psicomotora oferecida pela pós-graduação em Educação Psicomotora (figuras 7 e 8) do Colégio Pedro II, que acontece no *Campus* São Cristóvão II, lugar onde a criança pode se expressar sem julgamentos ou objetivos predefinidos. O corpo, nesse espaço, não atua **sobre** a natureza, mas **com** ela, num processo contínuo de percepção, movimento e afeto. A vivência psicomotora, assim, não é técnica a ser ensinada, mas espaço de emergência do ser — em presença, em relação.

Figuras 7 e 8 – Sala de prática psicomotora²



Fonte: as autoras (2024).

Na abordagem de Lapierre (1990), o corpo não é objeto externo, mas um **corpo vivido**, que sente, expressa e se transforma no encontro com o outro e com o mundo. Não se trata, portanto, de intervir tecnicamente sobre um corpo que deve alcançar determinada performance, mas de **suspender o julgamento**, como sugere também Krishnamurti (2021), para que o ser

² Fotos formatadas com efeito na imagem para preservar a identidade das pessoas.

possa emergir em sua inteireza. O movimento, nesse sentido, não é apenas ação física, mas **expressão existencial do sujeito**. Brincar, gesticular, silenciar ou explodir expressivamente são formas pelas quais o ser se manifesta no mundo, como um **fluxo de vida** que dispensa mediação racional. Para Krishnamurti (2021, p. 61), “o pensamento está ausente, mas o ser está presente”, o que remete diretamente à ideia do **corpo-presença** da Psicomotricidade. O psicomotricista, ao **suspender o juízo**, não tenta modificar ou conduzir a experiência da criança, mas **estar com ela**, num tempo e espaço onde o ser pode simplesmente **ser**.

Essas são as contribuições da Psicomotricidade, com sua abordagem que articula aspectos motores – como esquema corporal, a lateralidade, a coordenação motora, a noção espacial e a temporalidade – com os emocionais e cognitivos do desenvolvimento humano, compreendendo o movimento como fenômeno biopsicossocial. Para além das habilidades motoras, segundo Fonseca (1995), a Psicomotricidade compreende o movimento como fenômeno biopsicossocial, sendo fundamental na constituição do **eu** e na estruturação do espaço corporal e relacional na construção de vínculos que promovam a consciência de si, do outro e com o todo, como acontecia nas práticas psicomotoras com as crianças do Colégio Pedro II (figuras 9 a 13).

Figuras 9, 10, 11, 12 e 13 - Experimentações sensoriais com elementos naturais



Fonte: as autoras
(2024).

Em síntese, a Psicomotricidade, atuando na (re)conexão do corpo como fio condutor de suas relações com a natureza pode levar à superação da fragmentação moderna entre corpo e mente, entre sujeito e mundo. Essa proposta defende uma pedagogia da presença e da relação, em que o corpo é veículo de expressão do ser e é condição essencial para uma vida integrada, sensível e plena.

As imagens trazidas sintetizam esse contexto na prática, pois são registros feitos no espaço de práticas de Psicomotricidade do Colégio Pedro II, em que dois alunos atendidos despertam a atenção, por suas etapas de exploração. Todos são convidados para uma experimentação com elementos naturais, alunos que, no início do processo, se mantinham muito isolados, vão, aos poucos, sendo provocados a mergulharem na exploração dos elementos e vão expandindo seu espaço-corpo para permissão e aproximação com outros.

4 FUNDAMENTOS DA BIODANZA

A Biodanza é um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originais da vida, criada por Rolando Toro Araneda na década de 1960. Segundo Toro (2002a, p. 25), “[...] a biodanza é um sistema de aceleração dos processos integrativos celulares, orgânicos e existenciais mediante vivências induzidas pela música, pelo movimento e por situações de encontro em grupo”. Seu objetivo é estimular as chamadas “linhas de vivências”, ou seja, formas de expressão das potencialidades genéticas, que são vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência, promovendo um reencontro do ser humano, estimulando as funções primordiais de conexão com a vida, permitindo a integração com os três níveis de vínculos abordados pelo sistema – o vínculo consigo mesmo, com o outro e com o todo (natureza/universo).

A metodologia da Biodanza (figuras 14 e 15) é baseada na vivência, entendida como uma experiência sentida intensamente no aqui e agora, estruturada do “princípio biocêntrico”, que tem como referência a vida. Esse princípio estabelece um modo de sentir e de pensar, torna a vivência um referencial existencial. Toro (2005, p. 13) afirma que ela: “Propõe-se a restaurar no ser humano o vínculo original com a espécie como totalidade biológica, e com o universo como totalidade cósmica.”. O princípio biocêntrico é um ponto de partida para estruturar novas percepções futuras e relativas à existência, o despertar da consciência, inserida no campo da vivência no contato com o real, fato inquestionável da existência de um universo como um sistema vivo.

Figuras 14 e 15 - Biodanza³

Fonte: as autoras (2024).

A Biodanza transcende a linguagem verbal, valorizando o gesto, o olhar, o toque a carícia como formas profundas de comunicação. Para tanto, Toro (2002) compreende o ser humano como uma totalidade integrada de corpo, emoção e vínculo, a expressão de um corpo pleno de sentido. Assim, a Biodanza propõe uma **poética do encontro humano** (Toro, 2002a), em que o corpo se torna linguagem plena e veículo de expressão da identidade.

A Biodanza tem por objetivo estimular a afetividade no ser humano, como proposta de reeducação afetiva (figura 16). Segundo Toro (2005, p. 35), “A afetividade no homem moderno é com frequência gravemente perturbada [...] grande parte da humanidade se mostra, sob o aspecto afetivo, numa condição de aridez e de esterilidade na qual o amor é o grande ausente.”.

Figura 16 - Grupo regular de Biodanza no espaço Terapretas



Fonte: as autoras (2025).

³ Fotos formatadas com efeito na imagem para preservar a identidade das pessoas.

Nesse sentido, há uma profunda afinidade entre a proposta de Toro e os princípios da Psicomotricidade, embora ele não a mencione diretamente. A ênfase no vínculo afetivo, na expressão espontânea do corpo e na construção de um ambiente seguro para o surgimento do gesto autêntico são pontos de convergência. Para Toro (2002b), o ser humano é essencialmente relacional e seu sofrimento decorre da ruptura de vínculos significativos. Ele afirma que (idem, p. 33): “As doenças do homem moderno derivam da dissociação, da separação de si mesmo, dos outros e da natureza. A cura começa quando restabelecemos os vínculos afetivos”.

O ser humano se afastou da natureza, se dissociou do planeta, que é a nossa **casa mãe**, tudo o que existe faz parte deste sistema vivo. A evolução do universo é, na realidade, a evolução da vida. Com a individualização e a dissociação do homem para atender a si, sem conexão com o todo, este torna-se o **câncer da própria existência**, pois, em uma analogia macro e micro, acaba com seu próprio habitat (planeta e corpo), perdendo a conexão com a totalidade que, para o princípio biocêntrico, é a “sacralidade da vida”.

É preciso dançar, como forma de expressão de vida, de celebrar a existência. Para Toro (2005, p. 13), “Num sentido original, a dança surge das profundezas do ser humano: é movimento de vida, de intimidade: à impulso de união à espécie”. Essa perspectiva resgata o corpo sensível e relacional por seu instinto gregário da espécie, capaz de comunicar emoções, desejos e histórias por meio do movimento (figura 17).

Figura 17 - Aula aberta de Biodanza para alunos de Arteterapia no Espaço Caminho do Self⁴



Foto: as autoras (2025).

A Biodanza, portanto, é mais do que um método terapêutico. Ela se propõe à forma de reintegrar o ser humano à sua natureza essencial, por meio da dança que brota do desejo de viver. Para Toro (2002a, p. 41), a dança não é estética nem performática: “É o movimento pleno

⁴ Fotos formatadas com efeito na imagem para preservar a identidade das pessoas.

de sentido, expressão da identidade, comunhão com a vida”. Essa concepção de dança-vivência ressoa com a ideia de um corpo que aprende e comunica por meio do jogo lúdico, do ritmo e do contato, como também propõe a Psicomotricidade.

Por fim, a proposta de Toro se insere como uma transgressão dos valores culturais contemporâneos, das imposições de alienação da sociedade de consumo e das ideologias totalitárias. Sua obra nos convida a resgatar o corpo como território sensível e ético, no qual se inscreve a possibilidade de reencontro com o outro e com a vida em sua dimensão mais plena e poética.

5 METODOLOGIA

Este artigo possui natureza qualitativa, por buscar e compreender as experiências corporais infantis em sua complexidade, sensibilidade e singularidade, sem recorrer a mensuração ou quantificação de dados.

A análise se ancora na leitura crítica e na articulação de produções teóricas que tratam da infância, da corporeidade como a expressão do corpo vivido, pensante, sensível, que deseja dialogar, aprender e do direito ao brincar em contato com a natureza.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de rememoração da prática, pois os textos utilizados foram selecionados a partir da práxis gerada pelas leituras realizadas no período de formação em Psicomotricidade Educacional e articulado com outros campos de estudo, em propostas de pesquisa e formação continuada na área educacional e da Biodanza.

A seleção dos textos foi feita a partir da afetação do diálogo entre teoria e prática. Como apontam Manfré e Ariosi (2022, p. 189):

Gil (2002) explica que ao realizar a pesquisa bibliográfica tem-se a oportunidade de adquirir conhecimento sobre os estudos e pesquisas já realizadas sobre o objeto e, com isso, ocorre a ampliação do olhar do pesquisador para o tema, esclarecendo suas dúvidas e questionamentos, e, ainda, redirecionando suas perspectivas e os seus conceitos.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica caracteriza-se pelo estudo de toda bibliografia publicada a respeito do tema que está sendo investigado e, a partir deste levantamento, o pesquisador selecionará os materiais que julgar adequados e relevantes para sua pesquisa.

Quanto à rememoração da prática, nos baseamos nos estudos de Walter Benjamin destacados por Schaefer (2021, p. 41):

Os seus escritos [de Walter Benjamin] nos convidam a retornar às nossas lembranças, rememorando o passado, mas sem deixarmos de estar no presente com tudo o que já experimentamos. Essa volta traz o novo descoberto a partir do velho. Esse *reencontro/novo encontro* nos convida a perceber o sensível através da recordação do que nos afetou, do que nos lembramos, do que fica em nossas memórias. São as

experiências, e estas acontecem a partir dos afetos, dos sentidos abertos para experimentar, para vivenciar. (destaque da autora)

As reflexões se desenvolveram a partir da análise de vivências e registros de campo de trabalho e de práticas formativas, uma parcela das experiências compostas por observações diretas, com registros descritivos e fotográficos, bem como anotações reflexivas da prática pedagógica e experiências concretas junto às crianças em contexto escolar e também junto a educadores em contexto formativo e em aulas de Biodanza.

Assim, as metodologias adotadas permitiram aproximar-se da experiência concreta dos corpos em movimento e em relação com o mundo, reconhecendo a corporeidade como linguagem originária e potente para a construção do conhecimento, da sensibilidade e da autonomia. Como destaca Schaefer (2021, p.21), “[...] há relação entre pensar e agir, entre o movimento e a aprendizagem. Reflito sobre esses corpos a partir do meu lugar de educadora e psicomotricista; e proponho um olhar para as relações entre eles que favoreça redimensionar as possibilidades de aprender a partir de novas práticas de atuar, percebendo ação e pensamento sempre interligados pelo fio condutor que é o corpo, a partir de um olhar psicomotor [...]”. Essa perspectiva orienta a leitura e interpretação dos dados e experiências discutidos no corpo do texto.

6 CONVERGÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE (RE)CONEXÃO

A Biodanza e a Psicomotricidade compartilham uma compreensão ampliada do corpo, superando a visão mecanicista para valorizá-lo como espaço simbólico e afetivo. Ambas reconhecem que o corpo sente, comunica e aprende por meio da ação e da emoção. Desse modo, são práticas valiosas para serem aplicadas na Educação Infantil, assim como em outros contextos, que juntas podem contribuir sobremaneira para o desenvolvimento das crianças nessa etapa da educação, bem como em outras etapas.

A vivência corporal, segundo Toro (2005), é uma forma primária e essencial de aprendizagem, sendo anterior à linguagem verbal. Assim, deve ser estimulada durante as práticas educativas. Essa perspectiva aproxima-se da Psicomotricidade ao afirmar que “[...] é no corpo que o sujeito se constitui, organiza sua afetividade e estrutura sua relação com o outro” (Fonseca, 1995, p. 78). Nesse sentido, o espaço escolar não deve ficar restrito a práticas engessadas ou teóricas, focando escrita e leitura, mas indo além, permitindo que o corpo faça parte do processo de aprendizagem.

A integração dessas abordagens é especialmente potente para diferentes espaços que se proponham a realizá-las, como escolas, espaços de saúde, terapêuticos dentre outros, onde práticas corporais possam resgatar a autoestima, favorecer a expressão de sentimentos, a reconexão com a natureza e fortalecer laços comunitários. A união entre Biodanza e Psicomotricidade pode constituir uma estratégia eficaz para promover a saúde emocional e o desenvolvimento integral para crianças e adultos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso resgatar o vínculo entre corpo e natureza. A Psicomotricidade oferece uma abordagem potente, pois parte da escuta do corpo e da valorização do vínculo como eixo terapêutico e pedagógico. Integrando conceitos de biofilia, sensibilidade e ecologia profunda, essa prática torna-se um caminho para a construção de uma ética ecológica e relacional, em que corpo, afeto e Terra se entrelaçam. É um ato de resistência e de esperança: resistência frente às práticas educativas que desconsideram o corpo e a natureza; esperança de uma educação que reconheça os sujeitos como, capazes de aprender com o mundo, no mundo e para o mundo. Em tempos de urgência ecológica e empobrecimento das experiências sensoriais, afirmar o direito de existir com plenitude e humanidade se faz necessário.

Este trabalho buscou articular Biodanza e Psicomotricidade como uma contribuição significativa para a educação e a saúde, ao promover práticas que valorizam o corpo enquanto dimensão essencial da existência humana. Ambas as abordagens oferecem ferramentas para o autoconhecimento, para a integração afetiva e para a ampliação das possibilidades de expressão e convivência, sendo valiosas para a educação.

Ao considerar o corpo como território de linguagem e transformação, essas práticas respondem a uma demanda por metodologias mais sensíveis, humanizadoras e inclusivas, para espaços de contextos educativos, de saúde e outros. Assim, a união entre Biodanza e Psicomotricidade pode favorecer uma pedagogia do corpo, do afeto e da sacralidade da vida, transformando o espaço escolar em ambiente acolhedor, aumentando o sentimento de pertencimento das crianças a esse espaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 13 set. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1: Introdução: rizoma. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FONSECA, Vítor da. *Psicomotricidade: Filogênese, ontogênese e desenvolvimento*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GONÇALVES, José Carlos Libâneo. O corpo como lugar onde a experiência da educação ambiental nos acontece. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 6, n. 2, p. 45-56, 2001.

GRÜN, Mauro. O corpo como lugar onde a experiência da educação ambiental nos acontece. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 6, n. 2, p. 45-56, 2008.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *O sagrado e o cotidiano: uma abordagem diferente da vida*. São Paulo: Cultrix, 2021.

LAPIERRE, André. *Psicomotricidade relacional: uma pedagogia do gesto espontâneo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. *A Psicomotricidade: do corpo ao pensamento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1984a.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. *A simbologia do movimento: a psicomotricidade vivida e expressiva na educação e na terapia*. São Paulo: Summus, 1984b.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020.

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do Transtorno do Déficit de Natureza*. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MANFRÉ, Viviane Barrozo; ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. A metodologia da observação na Educação Infantil: descobertas das potências das crianças. In: *XV Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação*. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. 21-25 mar. 2022. Disponível em: <https://ppgeunespprudente.com.br/publicacoes/index.php/anais-seminarios-ppge/article/view/43/34>. Acesso em: 31 ago. 2025.

PONTY Merleau, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. (Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes.

SCHAEFER, Katia de Souza e Almeida Bizzo. *O corpo como vontade de potência no cotidiano escolar*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Corpora, 2021.

SCHAEFER, k. B. (2024). Psicomotricidade e natureza: a tecitura de um corpo raiz. In: r. Thompson, & a. SOARES & v. FONSECA & p. BOTTINI & a. LÁZARO (Eds). *Tratado de Psicomotricidade*. (1ª ed). pp. 327-335. Booktoy.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomás da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TIRIBA, Lea. *Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021. 225-239 p.

TORO, Rolando. *Biodanza*. São Paulo: Olavobras, 2005.

TORO, Rolando. *Biodanza: integração e identidade através da dança e do encontro*. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2002a.

TORO, Rolando. *Biodanza: La poética del encuentro humano*. Santiago de Chile: Senda, 2002b.

WILSON, Edward O. *Biophilia*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.